MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

TOMO XLV

Duarte Pacheco e a fórmula de Mira Fernandes: "O justo equilíbrio entre a inteligência que especulae a vontade que executa"

E. R. DE ARANTES E OLIVEIRA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2018

Duarte Pacheco e a fórmula de Mira Fernandes: "O justo equilíbrio entre a inteligência que especula e a vontade que executa"

E. R. de Arantes e Oliveira

Um dos grandes merecimentos de Alfredo Bensaúde como Director do IST foi ter sabido adaptar a Portugal o modelo estrangeiro que o inspirou.

A Escola formou assim, não um exército de técnicos normalizados, mas gerações de engenheiros extremamente diversificados a que deu garantia de qualidade.

Duarte Pacheco foi, entre todos esses engenheiros, um dos mais ilustres.

Seria errado chamar-lhe um produto típico do IST, porque ninguém houve menos típico do que ele. Foi de facto um homem verdadeiramente singular, fora de todos os esquemas.

No entanto, se não tivesse frequentado o Instituto, para onde entrou em 1917 e que o formou como engenheiro electrotécnico em 1923, dificilmente teriam desabrochado nele as extraordinárias qualidades que lhe reconhecemos.

Não me parece deslocado falar de Duarte Pacheco começando por evocar o nosso falecido confrade Mira Fernandes, seu mestre.

Foi-me contado pelo Professor Morbey Rodrigues, colaborador de Mira Fernandes no antigo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras – ISCEF, que, na manhã do dia seguinte ao do desastre que vitimou Duarte Pacheco, ao chegar à Escola, encontrou Mira Fernandes à entrada, com os olhos vermelhos de quem chorara. Num jeito muito próprio, pronunciou umas misteriosas palavras: "*Hoje, perdoo-lhe tudo, tudo…!*", o que muito preocupou Morbey Rodrigues que, não sabendo ainda o que se tinha passado, julgou que essas palavras lhe eram dirigidas, e que um tal perdão se referia a qualquer falta que ele, Morbey, teria inadvertidamente cometido.

Sem ser em si mesmo facilmente explicável, este episódio revela no entanto como foram estreitas as relações entre esses dois grandes espíritos, Mira Fernandes e Duarte Pacheco, até que algo aconteceu que veio a esfriá-las quase até ao ponto de rotura.

Duarte Pacheco foi de facto um dos discípulos dilectos de Mira e foi este quem, em Novembro de 1925, o convidou para professor interino do Instituto Superior Técnico. No ano seguinte, seria professor catedrático.

Sabe-se pouco sobre a actividade profissional de Duarte Pacheco nos dois anos que se seguiram à formatura. Foram certamente anos de formação, como assistente, sob a orientação exigente do mestre. Efectivamente, numa época em que os estudos de pós-graduação não estavam formalizados, nem em Portugal nem no resto da Europa, os docentes formavam-se individualmente, em estreita ligação com um professor.

A formação de Duarte Pacheco para professor deve ter-se iniciado antes mesmo da formatura. Nem por ter sido curta terá sido menos sólida: o mestre era excelente e o discípulo fulgurante. Este foi de resto rápido e eficaz em tudo o que fez na vida, o que não o impediu de atingir um espantoso grau de amadurecimento em muito do que empreendeu.

Escreveu o Prof. Caetano Beirão da Veiga a propósito dos talentos matemáticos de Duarte Pacheco: "Demonstrava o teorema mais complexo com a mesma naturalidade com que qualquer hábil mecânico desintegra de uma máquina as suas peças, e depois as reajusta. Quando o Duarte expunha, recebia-se a impressão de tudo ser fácil… Um dia, em que passeávamos ambos pelas ruas de Lisboa, manifestei-lhe o meu sincero espanto por essa faculdade extraordinária de compreender, num relance, as mais complexas e variadas questões de matemática e de as expor com o ar de serem banalidades correntes. Eis a sua réplica: *Então não há vocações musicais que levam certas pessoas, ignorando completamente as regras da música, a tocar em qualquer instrumento harmonias deliciosas? Se você acha que tenho essa faculdade, admita ser, talvez, um dom com que nasci e que, portanto, não tem merecimento próprio*".

O Dr. José António Madeira, seu secretário no Ministério da Instrução Pública, revelou que ele, quando Ministro desta pasta, acalentava vir a licenciar-se em Matemática na Universidade de Coimbra, uma vez terminadas as suas funções no Governo.

As suas extraordinárias qualidades pedagógicas estavam associadas, por um lado, a um admirável poder de síntese. Mas tinha outras capacidades que seduziam os alunos. O mesmo Beirão da Veiga escreveu ainda no seu depoimento: "Com aquele sorriso aberto sempre a iluminar-lhe a fisionomia insinuante, quando perante a lousa negra a sua mão nervosa e frágil impelia, em veloz carreira, o giz branco, reconhecia-se que, naquela alma privilegiada crepitava a chama intensa de um portentoso talento". Acresce que desenhava admiravelmente.

A vivacidade, a juventude, a própria mímica, contribuíram para o seu êxito pedagógico nessa formosíssima mas terrível cadeira de Matemáticas Gerais que foi martírio de inúmeros estudantes e, por consequência, de muitíssimos docentes.

Disse-me o Professor Mendes de Magalhães, seu antigo aluno, que se lembrava de o ver escrever em sucessivos quadros pretos, brandindo o ponteiro quando não escrevia. Enchia-os a todos e o contínuo limpava-os à medida que voltavam a ser necessários.

A vida afastou-o da cátedra.

Um dos depoimentos mais impressionantes que nos foi deixado a este respeito foi o do Professor Herculano de Carvalho.

Escreveu ele que, em 1936, quando Duarte Pacheco deixou pela primeira vez o cargo de Ministro das Obras Públicas e voltou ao IST, se tinha "desabituado da função docente e acostumado ao estudo doutros problemas". "O regresso à matemática foi-lhe custoso a despeito das suas excepcionais aptidões. A faculdade de expor com vivacidade, precisão e clareza, essa nunca a perdeu; mas o cultivo da matemática exige o contínuo adestramento de certa faculdade de abstracção à qual nenhuma outra actividade faz comparável apelo."

Refere ainda Herculano de Carvalho: "Pouco tempo depois, Duarte Pacheco era chamado para a presidência da Câmara Municipal de Lisboa, posto transitório para o regresso ao seu Ministério das Obras Públicas. Quando me deu parte desse convite, saíamos nós os dois do Instituto a caminho de sua casa, na Rua Fialho de Almeida. Nunca esquecerei esse nosso passeio, lento e interrompido por

inúmeras paragens, que para mim seria o último em que poderia falar com o amigo, admirado e querido, num plano de perfeito entendimento humano …. Naquela tarde era ele que sentia a necessidade de se expandir com alguém que sabia ser seu verdadeiro amigo. Através das suas palavras tomei consciência do drama que dentro dele se desenrolava e vi como, ao contrário dos que muito supunham, Duarte Pacheco sentia os serenos atractivos da vida de professor. "*Nem você calcula, disse-me por fim, a dificuldade que tive em retomar a minha vida de estudo e o cumprimento dos meus deveres de professor. Mas consegui e já me sentia inteiramente adaptado e feliz com a minha missão de ensinar. Sou agora chamado, mais uma vez, para outras coisas. Sei que não posso, nem certamente deveria, resistir, mas também sinto que o meu afastamento da Escola é desta vez definitivo. Estou liquidado como professor…* ". E abraçou-me a chorar. Quantas vezes tenho evocado esses momentos impressionantes em que me foi dado ver como o sofrimento humano pode resultar até do choque íntimo de duas altas qualidades a solicitarem para destinos diversos".

Herculano de Carvalho cita mais adiante uma elegante frase de Mira Fernandes pronunciada na abertura solene do ano lectivo no Instituto Superior Técnico em 1926, a qual definia, a seu ver, de forma admirável, o objectivo da formação numa escola de engenharia, que é o de conseguir, no espírito dos seus diplomados, "*o justo equilíbrio entre a inteligência que especula e a vontade que executa*".

Acrescenta: "Ora é justamente este equilíbrio que eu admiro na acção construtiva de Duarte Pacheco. Nada é feito antes de preconcebido e meditado. A falta de método que tinha na distribuição do tempo do seu labor pessoal dizia-lhe respeito só a ele, e não prejudicava o exame aprofundado e minucioso das questões que estudava. O que parece isolado e fruto da inspiração do momento integra-se finalmente numa obra harmónica, certamente pré-estabelecida". "Veja-se, por exemplo, a formidável projecção da cidade de Lisboa no sentido por ele iniciado com a construção do Técnico: ali se tem encontrado lugar para tudo e tudo se baseou no seu esquema, estudado há 25 anos! Claro que temos de louvar a sua intuição e a faculdade rara que possuía de ver no futuro mas, em plano mais amplo que o das rígidas classificações da filosofia, não serão essas qualidades dons excelsos da *inteligência que especula*?"

A fórmula lapidar de Mira Fernandes sugere um método para abordar o estudo da personalidade e da obra de Duarte Pacheco, se aceitarmos que, para ele, cada obra devida à *vontade que executa* foi simultaneamente um modelo que lhe alimentou a *inteligência que especula*.

Primeiro, foi a matemática e os seus esquemas abstractos, depois o professorado, depois ainda a direcção do IST. Daqui saíram duas linhas: uma, a da instrução pública que começa e rapidamente termina no Ministério respectivo; outra, a das obras públicas, em que se distinguem dois planos: o da Cidade de Lisboa e o plano nacional.

Os esquemas foram sendo cada vez mais amplos, mas o IST constituiu, como se vê, uma placa giratória para dois destinos. Foi aqui, neste lugar, que ele adquiriu as vivências e forjou instrumentos que lhe serviram em posições mais elevadas. Foi pois este o seu laboratório, o laboratório onde voltou, uma vez e outra vez, depois de ter sido ministro.

Foi talvez este o segredo duma espantosa eficiência a que tudo sacrificou: a saúde, que estava longe de ser famosa, e até mesmo a constituição de uma família.

*

O programa de Duarte Pacheco como Director do IST centrou-se nas novas instalações do Instituto.

Ainda na época de Alfredo Bensaúde, pôs-se a hipótese de levar o IST para fora do Conde Barão. Ventura Terra chegou a elaborar um projecto arquitectónico.

Foi porém Duarte Pacheco quem escolheu o local onde o IST hoje se levanta. Fê-lo muito à sua maneira, mesmo antes de ser Director. Citando mais uma vez Beirão da Veiga, "eis que se mete na Câmara Municipal de Lisboa coberto com o simples título de professor do Instituto e, de alto a baixo, esquadrinha a planta da Cidade".

Quando chegou a altura, escolheu para projectista o Arquitecto Pardal Monteiro, que viria a ser também catedrático do IST.

Confessou este mais tarde: "a comparação do programa com o custo inevitável das obras correspondentes chegou a afigurar-se ao meu espírito como bastante para tornar inviável a obra". "Convenci-me pois de que mais uma grandiosa ideia brotara em cérebro de portugueses para ter que vir a ser arrumada, passados os primeiros ímpetos, na prateleira das aspirações". "Contudo alguém a meu lado, dotado de uma fé e de uma força de vontade que até então não conhecera em ninguém, alguém para quem a palavra dificuldade parecia constituir precisamente um incentivo para vencer, queria, exigia quase, que, se necessário fosse, se inventasse a solução pela qual a obra se tornasse realizável".

De início, faltava efectivamente tudo e o edifício que Duarte Pacheco visionava, embora sem luxos, exigia quantia vultuosa que impossível seria arrancar ao Ministério das Finanças.

Pacheco imaginou então uma solução genial pela sua originalidade: adquirir terrenos com área muito mais extensa do que a necessária ao Instituto, urbanizar a zona rústica correspondente e vender as parcelas assim valorizadas para conseguir os fundos suplementares exigidos pela construção. Foi assim que a participação do Estado na construção do IST se reduziu a vinte mil contos, levantados na Caixa Geral dos Depósitos, com que se compraram várias quintas.

Pôde pois ser lançada a primeira pedra do Pavilhão Central no dia 27 de Novembro de 1929.

"Depois, diz Beirão da Veiga, veio a época das trocas, das dificuldades opostas pelos proprietários, das influências pessoais dos expropriados, da campanha dos descrentes e das insinuações dos despeitados. E ele, quase sozinho, lutou contra todas essas forças contrárias. Porém, convencendo, venceu". "Foi assim que Duarte Pacheco começou a inspirar confiança no conceito público e a ser respeitado como alguém, não somente capaz de sonhar coisas grandes, como de as realizar." Acrescenta: "Foi, desse magnífico edifício, o engenheiro que vislumbrou o conjunto, o arquitecto que discutiu a estética e o pormenor, o capataz que fiscaliza o trabalho, o pagador que liquida as férias e até o pedreiro, o pintor, o servente que maneja a pedra, prepara a tinta, coadjuva o obreiro". "No Instituto foi tudo: o cérebro e o braço, a inteligência e a acção, a força e a fé. Simultaneamente, impelia ao trabalho os operários e conciliava os desejos dos colegas; escutava as aspirações dos estudantes e tratava com os fornecedores; pensava nos assuntos pedagógicos da Escola e ajustava tarefas com os obreiros; contratava com os vizinhos, manobrava os empreiteiros e transaccionava com várias empresas; preleccionava matemática nas aulas e conferenciava com o Governo e com a Câmara para solucionar obstáculos e conquistar apoios."

Mesmo depois de ter trocado a direcção do Técnico pelo Governo, Duarte Pacheco continuou a interessar-se profundamente pela obra da Escola. Segundo o seu já citado secretário, José António Madeira, "não tinha horas certas para as suas frugais refeições. Era no entanto bastante pontual nas visitas que fazia quase diariamente às obras do novo Instituto onde nessa época se procediam aos trabalhos de terraplanagem executados por potentes escavadoras. Coberto de poeira, deixava aquele local ao escurecer, para jantar apressadamente e dirigir-se de novo, sempre no mesmo ritmo veloz, para o Terreiro do Paço, onde permanecia até às primeiras horas da manhã".

Foi em 1936, já depois de ter sido uma primeira vez Ministro das Obras Públicas, que começaram a ser utilizados os novos edifícios do IST.

*

Pressionado pelas evidentes dificuldades económicas, Pardal Monteiro procurou "tirar partido das grandes massas e do equilíbrio da composição, tentando dar a esse conjunto uma expressão de harmonia, de calma e de sobriedade que conduzisse a obter um efeito de grandiosidade arquitectural simplesmente à custa dos volumes da construção, o que é sempre incomparavelmente mais difícil que tentá-lo à custa da riqueza decorativa e ornamental".

Foi assim levado a enveredar abertamente pelos caminhos de uma estética moderna, no que foi entusiasticamente apoiado por Duarte Pacheco que, no gosto e no modo de trabalhar com arquitectos e artistas plásticos, sempre revelava uma grande cultura e extraordinária sensibilidade.

São de Duarte Pacheco as seguintes palavras: "Qualquer construção urbana é fundamentalmente um trabalho arquitectónico … e, em questões arquitectónicas, só os arquitectos têm a necessária formação cultural e aptidão profissional. Os engenheiros só devem intervir… para estudar a estabilidade da obra, os materiais de construção e outros aspectos ligados com a execução".

Segundo António Pedro Rafael, um luso-americano que, na Universidade de New Hampshire, apresentou em 1991 uma tese de mestrado sobre Duarte Pacheco, existia uma estreita relação entre este e os arquitectos. Keil do Amaral e Faria da Costa, por exemplo, que começaram as suas carreiras no princípio da década de 40, não compreendiam por que razão Duarte Pacheco os consultava tão frequentemente. Alvitravam que constituíam uma espécie de "oposição a Sua Majestade", uma oposição que impedia o Ministro de cair na auto-suficiência e na deificação.

É significativo, quanto a este ponto, que fosse Itália o país estrangeiro que mais parece ter admirado, tanto que o escolheu para passar os quatro meses da sua, aparentemente única, viagem ao estrangeiro, realizada logo após ter sido obrigado a deixar o Ministério das Obras Públicas.

*

Teve uma carreira política curta, mas espantosamente produtiva.

Chegado ao Ministério da Instrução Pública com 28 anos de idade, sem qualquer experiência de Governo, lá permaneceu durante duzentos e vinte e vinte e nove dias e se distinguiu pelos princípios que estabeleceu e pela quantidade enorme dos variadíssimos problemas que abordou e resolveu".

Embora consciente de que uma actividade legislativa frenética pode constituir uma tentação para governantes pouco experientes, e só se desculpa se, como no caso de Duarte Pacheco, for acompanhada de realizações que a justifiquem e contrabalancem, seja-me permitido considerar o número de diplomas da sua responsabilidade nos Ministérios por onde passou como um indicador para avaliar a eficiência do Ministro.

Enquanto Ministro da Instrução, assinou, segundo o seu já mencionado secretário José António Madeira, cerca de 100 decretos e portarias e outros tantos, ao sair, deixou delineados. Muitos destes diplomas resultaram de extensos e documentados relatórios e tiveram poderosa influência na ordenação de todos os tipos de ensino.

Segundo José António Madeira: "Era tal o labor dispendido que se viu na necessidade de aumentar o quadro de pessoal do seu gabinete e, mesmo assim, todos estávamos extenuados. Só o Ministro permanecia infatigável nessa vigília constante, fanaticamente absorvido nos grandiosos problemas que o

seu génio iluminado havia concebido. Vi-o passar noites inteiras numa actividade inquebrantável que a todos espantava… Aquele rapaz de 28 anos, cheio de dinamismo e flexibilidade de inteligência. Queria reformar depressa toda a instrução em Portugal, preocupando-o sobremaneira a velocidade do seu trabalho. Neste sentido não se mostrou bom psicólogo, pois naqueles primeiros tempos em que a situação política estava ainda longe da consolidação, era de aconselhar moderação para não descontentar muita gente ao mesmo tempo. A cada diploma que publicava forte reacção se formava em seu redor, convergindo uma massa enorme de descontentes que, à viva força, queriam avistar-se com ele". "Fez renascer o problema da cultura científica, nomeando uma comissão para elaborar o projecto da Junta da Educação Nacional, antecessora do actual Instituto para a Alta Cultura. A sua saída prematura do Ministério não lhe permitiu assinar esse notável diploma que constituía na época um dos maiores sonhos da sua vida. O seu plano de fomento científico era grandioso, havendo já delineado, como só ele sabia arquitectar, as receitas para essa nova e poderosa instituição".

*

Quando passou a dirigir o Ministério das Obras Públicas, possuía já alguma experiência política. Conhecia pois a importância que tem o tempo certo como factor de eficácia, bem como a necessidade de aproveitar as oportunidades e de estar assim preparado para elas.

Sabendo, como ninguém, que os Ministros hão-de ser julgados pelo que não chegaram a fazer, mais que pelo que fizeram, tinha bem a noção de que cada dia que passa representa para o Ministro, se mal aproveitado, um rol de oportunidades perdidas.

Da primeira vez em que foi Ministro das Obras Públicas, mais precisamente, das Obras Públicas e Comunicações, esteve no Governo de 5 de Julho de 1932 a 28 de Janeiro de 1936. Beirão da Veiga recordava-se de lhe ter ouvido dizer, ao entrar, que a máquina que acabava de lhe ser confiada "se encontrava descoordenada, que os serviços não tinham eficiência, e que a primeira coisa a fazer para ser possível realizar alguma obra nacional e condigna consistia em reajustar as peças eliminando-lhe as folgas".

Aperfeiçoar essa máquina foi com certeza uma das suas primeiras preocupações. Entendendo que os quadros do Estado devem ser de alta qualidade, e por isso bem remunerados, parece ter sido a alma do diploma que passou a regular as remunerações da função pública até aos anos 60. Em 1938, enquanto nas empresas privadas o vencimento de entrada para um engenheiro era de 1200 escudos por mês, no Estado entrava-se com 1600, o que permitia seleccionar rigorosamente os técnicos de que havia necessidade. Quer na Câmara Municipal de Lisboa, quer nos Correios, tanto as admissões como as promoções passaram a fazer-se por concursos públicos. Tencionava introduzir sistema semelhante nas Obras Públicas, mas não teve tempo de o fazer.

A reparação da máquina a que comparava o Ministério das Obras Públicas exigiu, durante os três anos e meio em que pela primeira vez a manejou, cerca de 600 diplomas, o que corresponde a uma média de 15 mensais.

*

O segundo período em que esteve no Ministério das Obras Públicas iniciou-se em 25 de Maio de 1938 e terminou tragicamente devido a um acidente rodoviário ocorrido a 16 de Novembro de 1943.

Durou pois cerca de quatro anos e meio, durante os quais o Ministro fez publicar 666 diplomas legislativos, isto é, uma média de 12 a 13 mensais. Presidia também, nessa época, à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, lugar de onde continuava a intervir nos assuntos da Cidade.

E, no entanto, delegava pouco. Era por natureza um centralizador. Voltando a citar Beirão da Veiga: "Ele tudo via, tudo estudava, tudo ponderava. Nada onde fosse aposta a sua assinatura deixava de ter prendido a sua reflexão. E, portanto, cada decreto, portaria ou despacho, surgido nas páginas do Diário do Governo, que emanasse do Ministério das Obras Públicas era índice iniludível de trabalho, mais ou menos longo, do próprio Ministro".

Salazar deixou a seguinte apreciação: "O Ministro tinha o raro condão de adaptar a grandeza da concepção às proporções do País. Construir para um século era a divisa, porque, paradoxalmente, uma nação modesta não pode construir só para vinte anos; a excessiva e documentada duração do provisório ensinava-nos que tudo devia ser definitivo. A perfeição da obra material, e até da construção jurídica quando lhe cabia fazê-la e a realizava com a facilidade dos matemáticos para o direito, derivava da rara compleição intelectual, dessa extraordinária feição do espírito igualmente apto para as grandes linhas e para as pequenas coisas, para idear, particularizar e construir, como se a grandeza e beleza do conjunto não fossem senão o somatório ou a resultante da perfeição do pormenor. O Engenheiro Duarte Pacheco detestava as improvisações e os expedientes, como indignos da seriedade da inteligência e da gravidade do tempo. Por isso se resignava a adiar os problemas até ao seu estudo exaustivo e à sua integração no conjunto de outros problemas afins. Mas questão estudada a sério ficava definitivamente resolvida, sem que mais se viesse a sentir a necessidade de tocar na traça geral das soluções".

*

A construção das novas instalações do IST pode ser assimilada ao que hoje se chamaria um grande problema civil.

Ocorre-me citar a propósito as conclusões de uma obra publicada em França em 1987, sobre as opções estratégicas e os grandes programas civis[1]:

"Uma sociedade encontra um reflexo de si mesma no destino do que empreende. A percepção desta imagem transforma o seu comportamento, bem como a sua capacidade de agir ou de reagir. Usa-se, para qualificar este efeito, termos muito variados (como *prestígio*, *poder mobilizador*, *lugar deixado ao sonho*), cuja escolha se baseia frequentemente na intenção de enaltecer ou de denegrir. Mas a existência do efeito em questão e a sua influência sobre o dinamismo colectivo não devem ser postas em causa … Na racionalização do recurso aos grandes programas não seria lógico desprezar este elemento irracional, porque os grandes programas têm de facto contribuído eficazmente para combater a síndroma da decadência e da derrota inelutável que, no nosso País (neste caso, a França, mas podia ser Portugal) marcou toda uma geração. Ignorar esta dimensão nas análises que precedem o seu lançamento não seria pois judicioso. Naturalmente, tudo é questão de medida: fundar um grande projecto exclusivamente sobre o seu valor simbólico, sem o integrar numa estratégia coerente nem o articular com justificações objectivas, seria evidentemente excessivo. E, como se trata de um excesso ao qual o poder político, que se alimenta de símbolos, é naturalmente conduzido, o perigo é real … Mas também não é conveniente levar a juventude a sonhar o seu destino exclusivamente com base no que se passa *lá fora*, nem esperar que a balança de pagamentos do país tenha, sozinha, o poder de alimentar esses sonhos juvenis. A este respeito, o que nos parece ser a pior das atitudes, a mais execrável das acções, é a prática sistemática de denegrir".

[1] Cohendet, Patrick; Lebean, André, *Choix stratégiques et grands programmes civils*, Economica Ed., Paris, 1987

Foi o êxito que obteve no IST que lhe deu força política e fez calar os maledicentes. Por isso, o já referido luso-americano António Pedro Rafael pôde dizer: "a história de Duarte Pacheco não começou com o Estado Novo, mas começou com a sua *alma mater*, onde, aos 27 anos, superintendeu na construção de uma complexo monumental moderno, sobre uma colina de pastos e campos de semeadura".

No seu laboratório, que era o IST e as suas obras, Duarte Pacheco não se limitou a aprender a liderar trabalhos de equipa, a planear de forma integrada, a conhecer os homens que poderiam vir a dar-lhe apoio em projectos futuros.

Aprendeu mais: compreendendo o poder mobilizador dos "grandes programas", exercitou-se a promovê-los ao serviço de uma política, que era a sua, de dinamização e relançamento da própria sociedade nacional.

Informaram-me de que, da sua viagem a Itália, país de que sofreu uma influência não exclusivamente cultural, trouxe a ideia de um desses projectos: uma auto-estrada do Minho ao Algarve.

Foi claramente um "voluntarista", no sentido que deu a essa palavra Dominique Wolton[2]. Segundo este autor: "*O voluntarismo supõe uma vontade firme de reformas e a consciência de ir no bom sentido. Acompanha-o a certeza de que a opinião pública virá um dia a apoiar essas reformas. Mas elas são sempre o apanágio de uma minoria que não é forçosamente a clic tradicional, já que esta tende a preferir a gestão à inovação ou ao risco*".

Seja-nos permitido, neste ponto, chamar a atenção para a grande pureza de Duarte Pacheco como político. Cite-se mais uma vez Beirão da Veiga que escreveu: "Sempre, através da sua carreira luminosa pelas cadeiras do Poder, conservou esse feitio oposto à publicidade laudatória, às referências corriqueiras, ao reclame elogioso, ao panegírico quotidiano e grotesco que, tantas vezes, torna ridículos e escarnecidos os almejados heróis". "Um outro aspecto característico da sua contextura moral revelava-se na atitude admirável de jamais haver utilizado a força política de que dispunha, ou a influência pessoal de que gozava, em benefício próprio, da sua família ou de seus amigos. Estes eram, em respeito por tal princípio, os grandes sacrificados, pois, como César, não admitia que se lhes lançasse a menor suspeita." "Não criou, em sua volta, camarilhas servis de aduladores incontinentes, mas selectos grupos de homens inteligentes, capazes, hábeis e vigorosos trabalhadores."

As seguintes observações do mesmo autor parecem-nos extremamente reveladoras da mentalidade e da personalidade política de Duarte Pacheco: "Tinha uma religião: a Pátria. E, a Pátria, simbolizava-a o Estado. Para colaboradores não ia buscar amigos, mas sim competências, não pessoas que o servissem a ele próprio, como homem público, mas sim aqueles que, integrando-se nos vastos planos que lhe enchiam a imaginação, melhor julgava poderem servir o Estado." "As qualidades altas de destemido realizador levaram-no a não hesitar ou fraquejar perante interesses privados. O bem geral, no seu conceito de estadista, sobrepunha-se sempre a qualquer benefício ou vantagem particular do cidadão, fora este o seu mais querido amigo. Para ele existia uma única entidade com direitos incontroversos: o Estado. Perante esta entidade, por ele quase divinizada, só reconhecia obrigações." "Apegado a este férreo critério governativo, incompatibilizou-se com muitos amigos sinceros, com vários admiradores… O homem público não cedia o passo à cordialidades do homem privado. O amigo afundava-se, mas a obra prosseguia." "O seu coração não era duro, como alguns deduziam das aparências. A sua contextura moral é que se revestia de uma rijeza invulnerável."

---

[2] Wolton, Dominique, "*La dernière utopie: la naissance de l'Europe démocratique*", Flammarion, 1993.

Outra observação importante: "Nunca ninguém foi mais severo com o dispêndio dos dinheiros públicos".

E, finalmente, algo bastante esclarecedor sobre as suas relações com o regime político que serviu: "Se suspeitasse que, com precário fundamento em divergências ideológicas, se perpetrava um acto violento, como, por exemplo, o afastamento do serviço activo do Estado de qualquer funcionário dotado de valor efectivo, com base em vagas informações, tendenciosas ou exageradas, logo punha, em defesa da justiça, a sua inteligência, a sua influência, e até o seu prestígio político".

*

Em 15 de Novembro de 1943, o "ritmo veloz" que Duarte Pacheco impusera à sua vida pública foi quebrado na recta de Pegões, cerca de Vendas Novas. O Ministro e três colaboradores regressavam de uma sessão de trabalho em Vila Viçosa, onde haviam estudado o arranjo do largo fronteiro ao Paço Ducal. Era tarde para chegar a Lisboa a tempo de participar no Conselho de Ministros marcado para a tarde desse fatídico dia 15 de Novembro. Mas sempre apressado, e na ânsia de chegar a horas, ordenou ao motorista que imprimisse ao carro toda a velocidade. Essa ordem revelar-se-ia fatal para ele próprio, para um dos seus colaboradores e para o pobre motorista, vítimas da própria dedicação.

Quase todos os depoimentos que recolhi sobre Duarte Pacheco foram escritos para serem publicados. Podem, por tal motivo, ter perdido autenticidade como testemunhos. Pareceu-me pois ter especial interesse dar ideia da impressão que causou o acidente, e da aura que cercava o Ministro, através do diário de um colaborador próximo que não imaginava vir a ser um dos seus sucessores e não esperava que esse diário fosse dado a conhecer: o meu próprio Pai. Eis o que este escreveu:

15 de Novembro: *Cerca das 9 horas, depois do jantar (lembro-me bem, tinha completado 10 anos na antevéspera e estava sentado à mesa quando alguém chamou o meu Pai para atender uma chamada telefónica), recebi uma notícia que me chocou profundamente: num desastre de automóvel tinha morrido o Eng. Jorge Gomes de Amorim e ficado gravemente ferido o Ministro Duarte Pacheco. Os Engenheiros Carmona (chefe de gabinete) e Mesquita Lima tinham recebido ferimentos de menor gravidade. Preveniram-me de que o Ministro devia chegar ao Cais do Sodré – o desastre fora próximo de Vendas Novas – próximo das nove. Muito amigo do Eng. Amorim, chefe da Repartição dos Jardins enquanto estive na Câmara, pessoa encantadora a quem devo inúmeras amabilidades e provas de atenção e apreço, e grande admirador e amigo do Eng. Duarte Pacheco, a notícia perturbou-me muito. Fui imediatamente para o Cais do Sodré, onde me juntei ao Eng. Rodrigues de Carvalho, Presidente da CML, e a numerosas outras pessoas que, impressionadíssimas, me confirmaram que o Eng. Duarte Pacheco tinha uma perna espatifada e a outra partida. Desde logo se afigurou como certo que, na melhor das hipóteses, teria de sofrer amputação. Depois, a intervalos, foram chegando mais notícias, O Ministro vinha a caminho de Lisboa onde se preparava tudo para a intervenção cirúrgica. A ambulância parara em Águas de Moura devido, ou a pane, ou ao inquietante estado do doente. Cerca das 22h 30m dizia-se que havia dúvidas sobre se poderia ser trazido para Lisboa, devido à perda de sangue. Pouco depois das 23h o Presidente do Conselho, o Ministro do Interior e outras entidades embarcaram para Setúbal com dois médicos de nomeada, portadores de plasma para aplicação ao doente. A reacção ao plasma, a evolução do seu estado, os pormenores dolorosos do desastre, a notícia da hora da chegada do pobre Amorim, às duas horas da madrugada, outros tantos degraus da via dolorosa que percorri com amigos e admiradores dos sinistrados… As últimas notícias do Eng. Duarte Pacheco nesta triste madrugada preparam o nosso raciocínio para o inevitável. Se se salvar ficará inutilizado, horrivelmente mutilado. Para quem conhece a vivacidade e a energia deste homem excepcional, afigura-se impossível encarar a sobrevivência…*

16 de Novembro: *Deitei-me perto das 4h 30m. De manhã, soube a notícia: o Eng. Duarte Pacheco falecera às 6h 30m. Digiro esta notícia recordando sucessivamente pormenores do meu trabalho com ele. E quando os resumo e os traduzo em conclusões, constato que o considero um homem raro. Sempre pensei que ainda um dia lhe poderia mostrar a minha admiração e a minha dedicação que, nos tempos do serviço na Câmara, o meu espírito de pensar livremente, sem peias e sem subserviências, poderão ter tornado menos aparente. Dia de tragédia, este …*

17 de Novembro: *Assisti aos funerais. Impossível chegar até à Câmara Municipal. Um mar de gente em derradeira homenagem … A vida não parará. Ninguém é insubstituível. Mas em breve se começará a verificar a extensão da tremenda perda que o País sofreu.*

(Comunicação apresentada à Classe de Ciências
na sessão de 4 de novembro de 2010)